

O processo de aprendizagem de língua estrangeira e seus efeitos na constituição subjetiva

Giovani Forgiarini Aiub¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Feliz, RS, Brasil

Resumo: Considerando o processo de aprendizagem de línguas pautado em uma posição teórica que assume o sujeito como parte das práticas de linguagem, um sujeito cuja identificação com uma língua nunca é plena, este trabalho busca observar, através dos pressupostos da Análise do Discurso, a constituição/reconfiguração identitária do sujeito no entremeio das línguas materna e estrangeira. Assim, entende-se que a relação do sujeito com estas línguas ancora-se num ponto em que a língua materna é estruturante do sujeito, fazendo com que este realize movimentos de afastamentos e de aproximações com relação às redes de significação já instauradas, quando do processo de aprendizado de uma língua outra. Portanto, o encontro com uma língua estrangeira coloca o sujeito em um movimento de reconfiguração da identidade, transformando os modos de dizer instaurados pela língua primeira.

Palavras-chave: Constituição subjetiva; Processo de aprendizagem; Línguas.

Title: The foreign language learning process and its effects on subject constitution

Abstract: Considering the language learning process based on a theoretical position that assumes subject as part of language practices, a subject whose identification with a language is never completed, this paper, through French Discourse Analysis' theory, aims to observe the constitution/reconfiguration the subject's identity in the midst of the foreign and mother tongue. Thus, it is understood that the subject's relationship with these languages is based on mother language that structures the subject, causing distance and approximation movements related to meaning networks that are already established, whenever another language is being learned. Therefore, the encounter with a foreign language places the subject in an identity reconfiguration movement, changing the ways of saying organized by the first language.

Keywords: Subject Constitution; Learning Process; Languages.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas. Professor no *Campus* Feliz do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e membro do Grupo de Estudos Pecheutianos (GEP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3870-3794>. E-mail: gioaiub@gmail.com

Introdução

Para que um sujeito possa assumir que fala mais de uma língua, é preciso que ele passe pela experiência de vivenciar esta outra língua, esta estrangeiridade. Trata-se, portanto, de uma experiência que incide inevitavelmente pelo processo de aprendizagem, seja ele realizado em ambientes formais ou não. Entende-se que, através deste processo, é possível reconhecer o estranho da língua outra e também reconhecer-se estranho a si mesmo. É através deste processo de aprendizagem que a convivência com o distinto, com outro, com o reconhecimento do que não é familiar, intensifica-se, fazendo com que o sujeito se reconheça ao falar outra língua. Contudo, é preciso ressaltar, de imediato, que o processo de aprendizagem de uma língua não cessa quando o sujeito tem a ilusão de estar plenamente identificado com esta outra materialidade linguística, pois, o sujeito, tomado como uma posição na esfera discursiva, está sempre em movimento, ou seja, está em constante processo de reconfiguração, especialmente quando outra língua passa a constituir sua subjetividade em conjunto com a língua materna.

No processo de experimentação de uma língua estrangeira, concebendo o sujeito constituído pela linguagem, outras possibilidades em sua constituição passam a funcionar, uma vez que se entende que o contato com uma outra língua faz com que o sujeito não seja mais o mesmo. Não é mais o mesmo porque se reconfigura. Também não é um novo sujeito, porque este processo de aprendizagem de uma língua outra não apaga as marcas sócio-histórico-ideológicas instituídas pela relação singular do sujeito com a língua materna, uma língua com “função estruturante” (PAYER, 2005). Portanto, trata-se de um sujeito reconfigurado pela inscrição em um processo de aprendizagem de uma outra língua. Vale dizer que esta reconfiguração se dá pelo embate que a língua outra causa, pelos questionamentos que a língua estrangeira faz produzir, pelas incertezas e marcas que ela causa no sujeito. Assim, o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira pode fazer com que venham à tona estranhamentos tais que podem, de um lado, causar a aceitação do diferente, aceitação de que há outros modos de dizer e de que há outras maneiras de se postar frente a objetos simbólicos; e, por outro, repulsa a este novo, afastando o sujeito deste lugar no qual novos modos de dizer e novas redes de significação entram em cena pela historicidade das línguas em jogo.

Desse modo, ao assumir a língua materna como língua estruturante do sujeito, e à luz da Análise do Discurso proposta por Michel Pêcheux (1997, 2009), este trabalho pretende empreender uma reflexão teórica a respeito do processo de reconfiguração identitária quando o sujeito vivencia um outro processo, o de aprendizagem de língua estrangeira. Em outras palavras, este estudo também procura pensar sobre como a historicidade das línguas desestabilizam os modos de dizer *do* (e *no*) sujeito, a ponto de ele movimentar-se, inscrevendo-se em redes de significação da língua estrangeira. Por fim, pretende-se ainda relacionar tal aparato teórico e seus efeitos ao processo de aprendizagem de línguas.

A (re)configuração subjetiva

Para observar reconfiguração subjetiva, é preciso anteriormente pensar em como se dá o processo de configuração do sujeito. Entende-se, deste modo, que o processo de configuração do sujeito não se dá de forma plena, pois “a falta é fundante do sujeito, mas, em contrapartida, requer o ato do sujeito para se fundar como falta” (ELIA, 2004, p. 48). Pela perspectiva teórica da Análise do Discurso, assume-se que o sujeito é constituído pela linguagem, interpelado ideologicamente e que ele está inscrito em determinadas condições sociais e históricas. Portanto, trata-se de um sujeito com um duplo e simultâneo processo de identificação, sendo um da ordem do ideológico e outro pelo viés da inscrição em uma materialidade linguística. Sem deixar de ressaltar que a interpelação ideológica é fundamental na constituição do sujeito, o objetivo aqui é olhar para o processo de (re)configuração do sujeito que ocorre através do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, uma materialidade linguística distinta da constituição primeira do sujeito. Trata-se de verificar como uma língua outra, na instância subjetiva, se choca com a língua estruturante, causando movimentos identitários.

Dito isto, cabe pensar que, quando uma língua estrangeira se incorpora à constituição do sujeito a partir de um processo de aprendizagem, essa língua estrangeira não aparece como totalmente nova (mas pode dar ao sujeito este efeito), tampouco esta língua é apenas um redizer da língua materna (como se fosse apenas uma substituição lexical), a língua estrangeira é o lugar do qual o sujeito interpreta com o estabelecimento de outras redes de significação (semelhantes ou não às da língua materna). Neste viés, se se considerar que é na relação do sujeito (interpelado ideologicamente) com a língua (inscrita na história) que ocorre a produção dos sentidos (isto é, a interpretação), pode-se dizer que entra em jogo a historicidade. Em outros termos, a historicidade pode ser entendida como a relação que a língua tem com a história e como esta relação produz sentidos. Assim, quando se mobiliza o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, entram em cena o sujeito e sua relação por vezes conflituosa com as historicidades de línguas distintas, visto que a relação que uma língua (qualquer que seja) possui com a história não é transferível tal e qual para uma outra língua, por isso embates e estranhamentos durante a aprendizagem de uma língua outra.

Ainda, vale mencionar que o processo subjetivo de inscrição em uma língua estrangeira é algo que produz estranhamentos no sujeito. Razão pela qual pode-se dizer que, em conjunto com Celada (2008, p. 149), “o processo de aprender uma língua estrangeira deve ser entendido como de assujeitamento, pois se trata da submissão de um sujeito às formas de dizer e à memória de sentidos que ela produz”. Neste viés, submeter-se às *formas de dizer* de outra língua é se chocar com este outro, com o estranho, é dar de encontro com um conjunto de modos de dizer distintos. E este conjunto de modos de dizer se liga à memória, às redes de significação, à historicidade daquela língua, dando certos contornos (contornos estes sempre instáveis e movediços). Seguindo ainda com Celada (2008, p. 149), menciona-se que

esse processo [o de aprender uma língua estrangeira] implica que essa outra língua e os saberes que ela pode supor entrarão em relações (de captura ou identificação, de resistência, de confronto) com a malha de uma subjetividade já inscrita em determinadas filiações de sentido.

Sendo assim, mesmo que haja um acolhimento na/pela língua estrangeira, o encontro com a estrangeiridade inevitavelmente propiciará movimentos no modo com o sujeito estabelece redes de significação e no modo como acontece o estabelecimento de laços identitários. Tais relações rearranjam o sujeito e fazem com que ele se depare com diferentes modos de dizer, os quais não dizem respeito apenas a questões de ordem sintática e/ou fonológica, mas principalmente porque outra historicidade passa a funcionar e outras condições de produção acompanham esta outra materialidade linguística.

A partir do exposto, é possível considerar que, no processo de aprendizagem de uma outra língua, existe um sujeito desejoso por dizer o que não diz na língua materna, isto é, uma busca por um espaço sem a interdição do qual, pela língua materna, o sujeito não consegue (tampouco pode) se desvencilhar. Por outro lado, também é possível haver uma forte resistência à língua outra, justamente porque pode ocorrer o receio de que esta estrangeiridade subtraia do sujeito o efeito de aconchego que a língua materna geralmente oferece. Para o sujeito, é necessária a ilusão de que se pode dizer tudo (e de todas as formas), mas, ao mesmo tempo, não se pode perder o sentimento de pertencimento a uma língua. Melhor dizendo, não se pode perder a ilusão de que se domina uma língua, pois é a condição necessária para que o sujeito diga, ou seja, é preciso que o sujeito acredite estar na fonte do dizer. Tal questão refere-se aos esquecimentos nº 1 e nº 2 de Pêcheux e Fuchs (1997), pois o esquecimento nº 1 refere-se às condições de existência da relação subjetiva, isto é, refere-se ao “não-formulável” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 177), ao não-afirmado e é ele que regula a relação entre o dito e o não-dito. Já no esquecimento nº 2, está a fonte da impressão de realidade do pensamento, uma ilusão também necessária para a inscrição do sujeito na discursividade. É o lugar para explicar o que se diz, para aprofundar o que se pensa e reformular (mais) adequadamente. Deste modo, os esquecimentos são condições necessárias para que o sujeito possa dizer/interpretar, ou seja, são a ilusão de que as palavras produzem o sentido esperado e de que o sujeito é a origem do sentido. Essa são condições fundamentais para se identificar com uma (ou mais) língua(s).

Feita esta visita às noções de esquecimento, cabe destacar que durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira ocorrem choques, embates, colisões que deixam marcas, ranhuras, feridas, cicatrizes. E são por estas marcas e fissuras que a língua estrangeira toma corpo no processo de (re)configuração subjetiva. Há um rearranjo que faz com que o sujeito possa se perceber outro, justamente porque entram em cena outros modos de dizer, outra historicidade que faz com que as redes de significação não sejam mais as mesmas que da língua estruturante. É através deste encontro com a estrangeiridade que o sujeito tem a possibilidade de se perceber diferentemente, de se ver não coincidindo consigo mesmo, pois

o sujeito identifica-se com a *língua* para poder dizer, e esse é o princípio fundamental da noção de discurso: a linguagem funciona porque há uma identificação entre o

sujeito e a língua sob o modo da inscrição na linguagem e, por ela, no discurso. Inscrição que se dá quando o indivíduo identifica-se em regiões do dizer que lhe oferecem as evidências dos sentidos, pelas quais torna-se sujeito (PAYER, 2014, p. 97).

Com efeito, esta identificação com a língua estrangeira proporciona que as línguas (materna e estrangeira) sejam imbricadas na constituição subjetiva. Contudo, há de se dizer que existe uma primeira língua, aquela da estruturação subjetiva, aquela cujas redes de significação serão a base fundante para o sujeito. Com isso, não se está afirmando que estas bases fundantes das redes de significação são estanques e imóveis. O que se pretende mostrar é que, pelo menos em um contato inicial com uma outra materialidade linguística, o alicerce para estabelecer os sentidos ocorrerá predominantemente pelo viés desta língua estruturante, juntamente com toda a sua carga social e histórica. Portanto, conforme o contato com uma língua estrangeira vai se intensificando, estas bases fundantes vão sofrendo uma desacomodação, pois “sujeitar-se às formas de dizer de outra ordem simbólica, em potência, implicará movimentos-sujeito, implicará uma subjetividade sendo solicitada e tomada em redes de memória” (CELADA, 2007, p. 360).

Nesta direção, cabe mobilizar estes “movimentos-sujeito”, pois os modos de dizer de outra ordem simbólica (de outra língua) se (im)põem ao sujeito. Faz-se a defesa de que não é por ter ocorrido uma alternância na materialidade simbólica, não é pelo fato de enunciar em outra língua, que o sujeito passa a assumir outra posição-sujeito na esfera discursiva. Em outras palavras, não é pela alteração de uma materialidade simbólica que o sujeito é jogado em uma outra Formação Discursiva (PÊCHEUX, 2009). Neste prisma, o que existe é justamente uma necessidade de um movimento subjetivo que abarque uma outra matriz de filiações sócio-históricas, ou seja, quando se diz/interpreta em uma língua estrangeira. Se uma palavra não é colada a uma coisa, tampouco uma língua é colada em outra para designar/nominar estas coisas. Portanto, a relação do sujeito com a(s) língua(s) e suas respectivas filiações sócio-históricas são mobilizadas quando uma outra materialidade linguística entra em cena. Não é a mudança desta materialidade que fará com que o sujeito alterne sua posição na esfera discursiva, mas o que se pretende mostrar é justamente uma mudança de uma outra ordem, uma movimentação do/no sujeito que se pode chamar de uma alteração na “postura subjetiva” (AIUB, 2020). Ao contrário da noção de posição-sujeito que tem relação íntima como a formação discursiva e, portanto, com a ideologia², a postura subjetiva estabelece relação mais diretamente aos modos de dizer característicos de uma determinada materialidade linguística.

Desta maneira, o processo de inscrição do sujeito a estes (outros) modos de dizer produz movimentos no sujeito. Esses movimentos reorganizam e rearranjam o sujeito para que ele possa dizer através de uma outra língua, isto é, através de modos de dizer distintos da língua estruturante. Em outras palavras, a postura subjetiva é o modo pelo qual o sujeito se coloca, a partir de um processo de identificação a uma língua, diante do outro para poder

² Entende-se que a formação discursiva é uma representação na linguagem das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2009). Além disso, o sujeito é sempre filiado a uma ou mais formações discursivas poder dizer/interpretar.

dizer. Essa postura subjetiva não conduz o sujeito a uma posição-sujeito específica (esse é o trabalho da ideologia que, aliás, não deixa de produzir seus efeitos), mas ela mobiliza os modos de dizer característicos de uma língua³, e ainda mobiliza uma singularidade do sujeito em sua constituição enquanto tal. Para colaborar com tal teorização, Payer (2014, p. 95) afirma que

sujeitos têm sua relação com a(s) língua(s) constituída no seio de acontecimentos que experimentam na (sua) história, sendo que sua enunciação aparece materialmente modulada por marcas e efeitos de natureza diversa, que envolvem o aparecimento ou não de uma ou de outra (forma de) língua.

Desta forma, pode-se afirmar que a postura subjetiva é a responsável por fazer com que o sujeito se submeta a outras formas de língua, a outros modos de dizer de línguas distintas. A postura subjetiva é o lugar no qual as movências subjetivas acontecem para que o sujeito se submeta às condições que a língua (estrangeira) lhe impõe. Assim, a observação à noção de postura subjetiva se faz relevante para que, no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, haja percepções de que tais rearranjos são custosos ao sujeito, uma vez que os aspectos sociais e culturais que a língua materna impõe ao sujeito desde a sua constituição são marcas pesadas e difíceis de serem realocadas. Nesta perspectiva, entende-se que dizer em outra língua é sempre dizer diferentemente, sendo que esta diferença nos modos de dizer afetam o sujeito de tal maneira que se torna para ele impossível sair ileso deste contato. Trata-se de uma relação contraditória, na qual uma mesma língua estrangeira tanto pode dar um sentimento de acolhimento quanto de rejeição. Para De Nardi (2009, p. 186), “o espaço entre sentir-se rejeitado e/ou acolhido por essa língua passa pela possibilidade de esse sujeito encontrar nos processos discursivos que ela suporta lugares em que possa ancorar o seu dizer; implica a possibilidade de *ser* nessa língua.” E “*ser*” em uma língua estrangeira é ter de se sujeitar a modos de dizer específicos, distintos, muitas vezes desconhecidos em face à estruturação (im)posta pela língua primeira ser de uma intensidade tal que um movimento de rearranjo nestes modos de dizer só ocorre precisamente por haver contato e confronto, acolhimento e embate, com a língua estrangeira.

Neste sentido, defende-se que as línguas possuem modos de dizer específicos, mas não são todos tão distintos a ponto de não haver semelhança alguma. Assim, perdura a ilusão de que aprender uma língua estrangeira é memorizar léxicos e aplicá-los em uma estrutura sintática pré-definida. São, portanto, essas diferenças nos modos de dizer em especial que tornam as línguas singulares umas em relação às outras. É essa singularidade de uma determinada língua que vai fazer com que haja um movimento do sujeito para que ele possa dizer de acordo com as suas filiações sociais, históricas e ideológicas, pois, como diz Orlandi (2007), “quando nascemos não inventamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e desse modo nos submetemos à língua subjetivando-nos”.

³ Os modos de dizer são pensados como um conjunto mais ou menos regular atribuído a uma materialidade linguística determinada por condições de produção (fatores sociais, históricos, culturais). Contudo, não se exclui a possibilidade de se mobilizar modos de dizer mais singulares, atribuídos a pequenos grupos ou a sujeitos em posições específicas. Em trabalho anterior (AIUB, 2018), há mais reflexões sobre este ponto.

Desta maneira, considerando que o processo de assujeitamento ocorre a partir de uma inscrição do sujeito em uma língua, no caso do processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, trata-se de uma inscrição em outra materialidade linguística, a inscrição em outros modos de dizer. Por conseguinte, os modos de dizer do sujeito tendem a se modificar quando da inscrição em uma língua outra, quando há um processo no qual o sujeito se deixa capturar por esta estrangeiridade. Para Mannoni (1994 *apud* SERRANI-INFANTE, 1998, p. 253), “uma identificação é uma captura. Aquele que se identifica talvez creia que está capturando o outro, mas é ele quem é capturado”, de tal modo que há um processo de identificação com o outro, e é neste espaço que o estranho deixa de sê-lo para passar a fazer parte do que é familiar. Em suma, pode-se dizer que a complexidade do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira possui um caráter com predominância contraditória, pois

de um lado, é uma experiência mobilizadora em direção ao novo mas, pelo mesmo movimento, ao serem solicitadas as bases mesmas da estruturação subjetiva e com isso a língua materna, a experiência mobilizadora mais determinante é a que afeta substancialmente as discursividades fundadoras, constitutivas do sujeito (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 17).

Para que o sujeito interprete em uma língua estrangeira, é preciso que haja identificação com essa outra materialidade linguística. Trata-se de um processo cujos conflitos são permanentes, pois há uma espécie de tensão estabelecida entre os laços de identificação do sujeito com a língua estruturante, a língua das experiências mobilizadoras, no contraponto com a língua estrangeira, língua com outra historicidade, outra materialidade linguística que dá ao sujeito a possibilidade de outras filiações sócio-históricas. Assim, pode-se dizer que o encontro com uma língua estrangeira causa certa desacomodação ao sujeito, dando a ele a possibilidade de encontrar novos modos de dizer. Segundo Revuz (1998, p. 223), “o que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa”.

Por conseguinte, para que a aprendizagem de uma língua estrangeira ocorra, é preciso que haja uma identificação do sujeito com esta outra língua. E, quando se fala de uma identificação, não se pode resumi-la a um simples gostar ou não gostar, mas é preciso pensar esta identificação como um processo no qual o sujeito inscreve a sua discursividade, colocando-se na língua e esta, por sua vez, age num processo de captura. Menciona-se ainda que a aprendizagem de uma língua nunca se dá através de um processo completo, pois há falhas constitutivas quando da inscrição do sujeito em outra materialidade linguística. Nesta perspectiva, Celada (2013, p. 49 [grifo da autora]) diz que

as práticas de ensino de línguas estrangeiras em contextos formais de aprendizagem podem ser pensadas como processos de inscrição na ordem da língua outra. Estes estariam marcados por *identificações*: o sujeito seria capturado por formas e sentidos dessa língua, e essa série de capturas vai tramando sua inscrição na ordem da outra língua, aspecto que nos leva a frisar que tudo não tem como acontecer a não ser como vinculado (“entrelaçado” ao processo – maior, mais amplo – de subjetivação, nunca encerrado) cujo protagonista é o sujeito da linguagem.

Assim, quando uma língua outra intervém na constituição subjetiva, juntamente com a língua materna, outras representações entram em jogo e se mesclam. Logo, se o imaginário de que as palavras se ligam às coisas já se rompe na própria língua materna, quando outra materialidade linguística entra em cena, isso tende a se tornar um pouco mais evidente. Ao falar do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, Cavallari (2016, p. 156-157) afirma que

o peso das palavras e expressões da língua materna é diferente do peso adquirido e sentido na língua estrangeira, o que vai provocar um deslocamento das marcas anteriores e confrontar o aprendiz com outro recorte do real. À primeira vista, a busca pela língua estrangeira apresenta-se como uma escolha aparentemente consciente, realizada pelo aprendiz.

Cabe dizer que o deslocamento proposto por Cavallari (2016) também é um modo de o sujeito ser posto em um processo de reconfiguração, é uma maneira de rearranjar *suas* redes de significação, pois é justamente quando ele dá de encontro com esses estranhos modos de dizer e, por conseguinte, com outras formas de se submeter à língua para poder dizer, que há uma necessidade de reconfiguração identitária. Dizer em língua estrangeira é sempre dizer de outra forma e, por isso, o processo de identificação com essa outra língua está longe de ser homogêneo e estável, tal como o é na inscrição do sujeito em sua língua estruturante. Essa necessidade de reconfiguração ocorre justamente porque a língua não é una, não é fechada, não pode tudo dizer e está sempre sujeita a falhas, além do mais, trata-se de um sujeito incompleto. Desta forma, justamente por todas essas questões, aliadas ao fato de que o processo de identificação nunca se fecha, é que a reconfiguração do sujeito ocorre quando este entra em contato com uma estrangeiridade. Dito de outro modo, não se está mencionando aqui que essa reconfiguração é um processo finalizado, mas sim, e sobretudo, um processo que não se finda, que não se fecha em si mesmo.

Portanto, ao se entender a identificação como uma referência ao dizer, está-se também afirmando que este processo de aprendizado de uma língua não pode ser tido como totalmente consciente, isto é, sem brechas para falhas, como se o sujeito pudesse apre(e)nder esta outra língua por um gesto pensado. Aprender uma língua estrangeira é um processo que passa pela inscrição do sujeito em outra materialidade linguística, e como esta inscrição nunca é estável, há deslizos e rupturas.

Os modos de dizer das línguas e seus efeitos no sujeito

Com o objetivo de demonstrar como os modos de dizer de diferentes línguas mobilizam movimentos subjetivos, e, por consequência, reconfiguram a subjetividade, será mobilizada uma expressão idiomática da língua inglesa, cuja correlação com o português brasileiro não há, em princípio, equivalência. A expressão mobilizada em língua inglesa é: *to hit the sack*. A tradução *ipsis litteris* desta expressão é *bater no saco*. Contudo, como a literalidade da língua numa expressão sem qualquer tipo de contexto, nem mesmo o

linguístico, pode vir a derivar, faz-se relevante colocar tal formulação dentro de um contexto linguístico para que, a partir daí, seja possível uma reflexão discursiva. Observa-se a expressão dentro de um contexto linguístico: *It's late, I'm tired. It's time to hit the sack.*

Ao ampliar linguisticamente o contexto da expressão *to hit the sack*, já é possível uma tradução para a língua portuguesa, tal como segue: *É tarde e eu estou cansado. É hora de ir para a cama*⁴. Considerando a relação da língua inglesa com a língua portuguesa, e considerando não haver correspondência semântica entre os termos da expressão em inglês para o português (*to hit the sack*/bater no saco), é viável afirmar que este modo de dizer na língua inglesa é característico desta língua e que não há, inicialmente, equivalência na língua portuguesa. Portanto, perpassada pelo sujeito, na relação entre estas línguas em jogo, há modos de dizer que são inviáveis de serem colocados em funcionamento exatamente da mesma forma, pois dizer *bater no saco (to hit the sack)* para *ir dormir* ou para *ir para a cama* é algo característico da língua inglesa. Neste viés, não se insinua que a relação estabelecida entre línguas distintas deve ser idêntica, no sentido de que para cada expressão ou palavra deva-se ter outra equivalente na língua em contraposição. É o oposto. Este exemplo reforça que para “saber” uma língua é preciso ser tomado por ela, é preciso que o sujeito se sinta envolto por modos de dizer característicos daquela língua. Para embasar esta questão, valem os apontamentos de Celada (2013, p. 73), pois “a inscrição por parte de um sujeito numa outra ordem do dizer implicará num *saber a língua* e num agenciamento de todos os saberes que esta, como um dispositivo, carrega no funcionamento de sua memória”. Portanto, é pelo fato de não haver equivalências idênticas entre línguas que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira é tão complexo, causando no sujeito estranhamentos e reconfigurando-o identitariamente. Tais asserções remetem a Revuz (1998, p. 224), quando a autora diz que

aprender a falar uma língua estrangeira é, efetivamente, utilizar uma língua estranha na qual as palavras são apenas muito parcialmente “contaminadas” pelos valores da língua materna na medida, precisamente, em que não há correspondência termo a termo.

No entanto, quanto mais a língua outra insiste em fazer parte do sujeito, mais estas marcas da presença da estrangeiridade vão deixando de ser um corpo estranho dentro da constituição subjetiva para se tornar algo que faz parte do sujeito. Embora ainda *estrangeira-estranha*, esta outra língua reconfigura os modos de dizer do sujeito, rearranja a sua postura subjetiva. Portanto quando o processo de identificação com uma língua estrangeira se inscreve na constituição do sujeito, as marcas, as feridas e as ranhuras causadas por este processo de aprendizagem já não mais são vistas como algo estranho, mas como parte do sujeito. São agora estruturantes e ao mesmo tempo são registro daquilo que vem alhures. Como diz Chnaiderman (1998, p. 55), “a regulação da estruturação imaginária efetua-se através do registro simbólico. É no espaço do Outro que se situa o ponto onde o sujeito se olha”. Assim, o ponto no qual o sujeito “se olha” ocorre precisamente por uma “tomada de

⁴ Dentro das questões tradutórias, há de se mencionar que também haveria outras possibilidades, tal como: *É tarde e eu estou cansado. É a hora de dormir.*

distância” (REVUZ, 1998). É nesta tomada de distância que se tem o registro de como a língua estrangeira significa através de uma rede de filiações sócio-históricas.

Nesta perspectiva, é preciso atentar para o fato de que a língua estrangeira produz significações *à sua maneira*⁵, isto é, há formas históricas que são características de uma determinada língua, não podendo dela se afastar. Em outras palavras, como toda e qualquer língua é sempre estrangeira para alguém, como “não existe uma língua natural que seja verdadeiramente outra” (PRASSE, 1997, p. 72), é possível afirmar que toda língua possui, justamente pela relação que se estabelece com o sujeito, modos de dizer próprios.

Conclusões

Para finalizar, vale mencionar que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira proporciona o encontro com modos de dizer distintos e faz com que o sujeito possa questionar sobre os modos de dizer da primeira língua. Isso propicia estabelecer outras redes de significação. São as ponderações expostas até aqui que permitem pensar que uma reconfiguração identitária causada pela inscrição do sujeito em uma língua outra é da ordem de uma formação contínua, não-linear e incessante. É possível dizer ainda que essa reconfiguração é conflituosa, sobretudo porque toda e qualquer formação identitária assim o é. Ampliando, ousa-se afirmar que, para o sujeito no entremeio das línguas materna e estrangeira, esse conflito se dá de forma intensa, em especial pela constituição mesma do sujeito, por sua inscrição em determinadas condições de produção e pelas diferentes historicidades das línguas em jogo. Assim, justamente por se tratar as línguas (materna e estrangeira) como estatutos da linguagem, a língua materna, por ser a base da fundação psíquica do sujeito, por si só já carrega uma história (da língua e do sujeito) e, por esse motivo, essa língua primeira traz em si um sujeito já barrado/interditado. Por outro lado, essa carga de história subjetiva na língua estrangeira é menor, pelo menos a um sujeito em processo inicial de aprendizagem desta língua. Se a língua materna dá ao sujeito certos contornos nos modos de dizer, a língua estrangeira coloca ao sujeito um efeito de ausência dessa carga histórica e o sujeito tem a impressão de tudo poder dizer. Desta forma, a partir da inscrição do sujeito em uma segunda língua, “o processo de significação incide sobre e advém especificamente da materialidade linguística historicamente instalada, de seus sentidos socialmente aceitos como memória e de seus efeitos no sujeito, no seio dos processos de significação” (PAYER, 2013, p. 185).

Deste modo, assim como o sujeito não escapa às condições sociais e históricas, tampouco fica livre de uma memória outra que estabelece redes de significação diferentes daquelas às quais ele foi submetido desde sua inscrição na linguagem através de uma língua primeira: língua com função estruturante, a língua de suas bases psíquicas. Como a memória

⁵ Não se está dizendo que a língua estrangeira para determinado sujeito produz sentido por si só, sem que nela haja a necessidade de um sujeito inscrito em condições de produção determinadas. O que se pretende afirmar é que o processo de constituição dos sentidos (e conseqüentemente do dizer e do sujeito) em uma língua estrangeira por vezes pode ser diferente (mas nem sempre) da língua considerada materna.

é da ordem da repetição, a memória na constituição subjetiva se dá por uma língua primeira do sujeito, esta se faz extremamente resistente no processo de constituição das redes de significação, pois “antes de falar, todo sujeito está imerso em um mundo de dizeres, no qual há sempre interpretações (implícitas ou denegadas) sobre a criança e seu sentir, sobre o mundo a sua volta, sobre expectativas em relação a ele e assim por diante” (SERRANI, 2003, p. 285). É por isso que a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma experiência que faz com que o sujeito se reconfigure, ora na instauração de novas possibilidades de estabelecimento de redes de significação e de memórias outras, ora no movimento de resistência com relação a novos modos de dizer e de se postar frente ao dizer do outro.

Referências

AIUB, Giovani Forgiarini. *Efeitos da Corporeidade Discursiva: o sujeito no entremeio das línguas (materna e estrangeira)*. Campinas/SP: Pontes, 2020.

AIUB, Giovani Forgiarini. *Corporeidade Discursiva: os modos de dizer do sujeito no entremeio das línguas materna e estrangeira*. 2018. 227 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CAVALLARI, Juliana S. Emergências subjetivas no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. In: PAYER, M. O.; CELADA, M. T. (orgs.). *Subjetivação e processos de identificação: sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino*. Campinas/SP: Pontes, 2016, p. 147-167.

CELADA, María Teresa. Linguagem, sujeito. Forçando a barra em língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A. M. G.; GRIGOLETTO, M. (orgs.). *Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade*. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 43-75.

CELADA, María Teresa. O que quer o que pode uma língua? Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. *Letras (UFSM)*, Santa Maria/RS, v. 18 n. 2, p. 145-65, 2008.

CELADA, María Teresa. Língua Materna/Língua estrangeira: um equívoco que provoca interpretação. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (orgs.). *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos/SP: Claraluz, 2007, p. 357-372.

CHNAIDERMAN, Miriam. Língua(s)-linguagem(ns)-identidade(s)-movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, I. (org). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 47-67.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. *Desenredo (UPF)*, Passo Fundo/RS, v. 5, n. 2, p. 182-193, 2009.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. *ComCiência*, (UNICAMP), Campinas/SP, n. 89, online, 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>. Acesso em: 14 out. 2020.

PAYER, Maria Onice. Des-atando laços das identificações entre sujeito(s) e língua(s). In:

ORLANDI, E. P. (org.). Linguagem, sociedade, políticas. Pouso Alegre/MG: UNIVÁS; Campinas/SP: RG Editores, 2014. p. 91-104.

PAYER, Maria Onice. Processos, modos e mecanismos de identificação entre o sujeito e a(s) língua(s). *Gragoatá* (UFF), Niterói/RJ, n. 34, p. 183-196, 1. sem., 2013. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v18i34.32966>

PAYER, Maria Onice. Memória e esquecimento da língua materna e a relação com a escrita. In: SCHONS, C. R.; RÖSING, T. M. K. (orgs.). Questões de escrita. Passo Fundo/RS: Ed. da UPF, 2005. p. 55-65.

PÊCHEUX, Michel. [1975] *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, Michel. [1969] Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 1997. p. 163-252.

PRASSE, Jutta. O desejo das línguas estrangeiras. Trad. Dulce Duque Estrada. *Revista Internacional (A Clínica Lacaniana)*, Rio de Janeiro, Paris, Nova Iorque, Buenos Aires, ano 1, n. 1, p. 63-73, 1997.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Trad. Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (org.). Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 213-30.

SERRANI, Silvana. Memórias discursivas, línguas e identidades sócio-culturais. *Organon: discurso, língua e memória* (UFRGS), Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 283-298, 2003. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30028>

SERRANI-INFANTE, Silvana. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (org.). Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 231-264.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Diversidade e alteridade na enunciação em línguas próximas. *Letras* (UFSM), Santa Maria/RS, n. 14, p. 1-19, 1997.

Recebido em: 04/12/2020.

Aceito em: 23/04/2021.